

## A Cenografia e a Ação do Ator no Tempo da Encenação<sup>1</sup>

Bruna Christófaró

Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas

Mestre - Cenografia. Or.: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Lúcia Rangel.

Bolsa FAPESB

Diretora de Arte e Cenógrafa da Rede Minas de Televisão

Resumo: A cenografia faz parte da encenação: envolve os atores, a área do palco, cria o ambiente onde se dá o encontro entre atores e público. Pode ser entendida, em um sentido mais estrito, como os elementos construídos ou escolhidos diretamente para a cena. Em um sentido mais amplo, é a mola propulsora da transformação do espaço real em espaço fictício. A ação faz com que o tempo/espaço assistido pelo público torne-se dramático, ligando o mundo físico ao mundo imaginário da criação, que se materializa também por meio da forma com que os atores posicionam-se perante a cena e exercem suas ações. Os atores devem tomar para si o espaço cênico definitivo, estático, unir espaço e dramaturgia e utilizar esse mundo em todas as suas possibilidades. Uma cenografia se completa com a ação no tempo da peça.

Palavras-Chave: Cenografia; ator; ação; tempo/espaço/ação; espaço cênico.

A investigação a respeito de uma cenografia contemporânea, da relação entre o espaço cênico e a encenação, exige a discussão de conceitos como os de cenografia e espaço cênico.

Patrice Pavis, no livro *Dicionário de teatro*, define o espaço cênico como “o espaço real do palco onde evoluem os atores, quer eles se restrinjam ao espaço propriamente dito da área cênica, quer evoluam no meio do público” (PAVIS, 2005, p. 132). Em outro livro, *A análise dos espetáculos*, o mesmo autor diz: “O espaço cênico: lugar no qual evoluem os atores e o pessoal técnico: a área de representação propriamente dita e seus prolongamentos para a coxia, a platéia e todo o prédio teatral” (PAVIS, 2003, p. 142).

Note-se que há uma ampliação do termo: a área de representação onde evoluem os atores é considerada apenas uma parte do espaço cênico; tudo o que é envolvido pela representação teatral, seja área de técnica ou de platéia, faz também parte desse espaço.

Em Pavis (2003) ressalta a importância de observar a interação entre os elementos Espaço, Tempo e Ação numa encenação; o autor nota, porém, que se trata de elementos de difícil descrição na encenação contemporânea, e afirma ainda que um elemento não existe sem os dois outros. O espaço/tempo dramático, que envolve o trinômio

---

<sup>1</sup> Comunicação realizada a partir de texto desenvolvido na dissertação de mestrado – UFBA/2007. Título da dissertação: O chão em que o ator deve pisar: espaço cênico e cenografia no Romeu & Julieta do Grupo Galpão.

espaço/tempo/ação, constitui o corpo da encenação, e, ao redor dele, transitam os demais elementos da representação.

O trinômio espaço/tempo/ação situa-se na interseção do mundo concreto da cena e da ficção imaginada pelo encenador. Encontra-se tanto na representação que está acontecendo no espaço e tempo real quanto no mundo da história que está sendo apresentada, com o tempo e o espaço que lhe são peculiares. Um espetáculo “constitui um mundo concreto e um mundo possível no qual se misturam todos os elementos visuais, sonoros e textuais da cena” (PAVIS, 2003, p. 139).

Esse trinômio citado por Pavis mostra que o espaço destinado à cenografia associa-se ao desenrolar do tempo da representação e sofre a ação dos atores. Pavis explica isso da seguinte forma:

Tal espaço-tempo é tanto concreto (espaço teatral e tempo da representação) como abstrato (lugar funcional e temporalidade imaginária). A ação que resulta desse par é ora física, ora imaginária. O espaço-tempo-ação é pois percebido *hic et nunc* como um mundo concreto e em uma “outra cena” como um mundo possível imaginário (PAVIS, 2003, p. 139).

Há ainda o espaço dramático, que se superpõe ao espaço cênico e interfere diretamente neste. O espaço dramático é explicitado a partir da “ótica de palco” do encenador e do cenógrafo. Para Pavis, o espaço dramático contém indicações sobre o lugar fictício, o que interfere necessariamente no espaço cênico (PAVIS, 2005, p. 135-136 e PAVIS, 2003, p. 144).

A cenografia faz parte da encenação; envolve os atores, a área do palco, cria o ambiente onde se dá o encontro entre atores e público. Toda e qualquer relação entre público, atores e bastidores é gerada a partir da cenografia, ou seja, a cenografia é como um núcleo do espaço cênico. E a partir dela o espaço é transformado.

A cenografia, segundo Redondo Jr. (1961), fala de ambiente, de imagem e do que a imagem evoca ao se fazer presente. A imagem formada pela cenografia (a imagem que é a cenografia), ao evocar sentimentos, atinge o que se encontra a seu redor, abrangendo tudo em um mesmo espaço.

Redondo Jr. questiona qual deve ser o papel da cenografia e cita Raymond Cogniat para responder:

- 1) situar o lugar e o tempo nos quais se desenvolve a ação;
- 2) oferecer ao encenador e aos atores elementos para facilitar sua influência sobre o público;
- 3) colocar o público em estado de receptividade e nas melhores condições de compreensão (REDONDO JR., 1961, p. 146).

Assim, o autor conclui que a função da cenografia é criar uma atmosfera favorável, oferecer o máximo de sugestão e obter adesão coletiva. A cenografia é o mundo criado especificamente para uma encenação; ela é particular à montagem, é gerada pelo

encontro do texto com o diretor e com os atores. Um mesmo texto pode ser montado de diversas maneiras, por diversas pessoas, e nunca terá a mesma cenografia.

Para a compreensão dos espaços da encenação contemporânea, Pavis afirma que a melhor maneira é evocar a experiência espacial do espectador, e esta pode ser compreendida a partir de duas possibilidades. A primeira é a concepção do espaço como espaço vazio que deve ser controlado, preenchido e expressável, e a segunda é a compreensão do espaço “como invisível, ilimitado e ligado a seus utilizadores, a partir de suas coordenadas, de seus deslocamentos, de sua trajetória, como uma substância não a ser preenchida, mas a ser estendida” (PAVIS, 2003, p. 141).

A partir dessas afirmações, podemos concluir que através do uso o espaço real é desdobrado para os espectadores e é ampliado. A cenografia deixa de ser apenas o que é visto e palpável, transcende o espaço real e incorpora o espaço criado pelo encenador e pelos atores. A presença do ator no espaço define o espaço da encenação. Os personagens/utilizadores do espaço e o próprio espaço não podem ser desvinculados na análise de uma cenografia, pois são eles que, juntos, definem o mundo da encenação de que fazem parte.

Os elementos que compõem o mundo criado em uma montagem são fundamentais para a comunicação entre os atores e a imaginação dos espectadores, fazendo-os acompanhar e criar vínculos emocionais com os acontecimentos. Eles fornecem a unidade da linguagem da montagem, e não apenas a unidade visual da imagem do espetáculo.

Segundo Pamela Howard (2005), “o cenógrafo libera visualmente o texto e a história por trás do texto, criando um mundo em que os olhos vêem o que os ouvidos não podem escutar” (HOWARD, 2005, p. 33)<sup>2</sup>.

A cenografia deve ser explorada, assim, de forma a se “revelar o texto e a história por trás dele”, possibilitando que os espectadores ouçam melhor o texto. Howard afirma que, “se a disposição ou layout do palco for eloqüente e bonito de se ver, os espectadores podem ouvir melhor a peça” (HOWARD, 2005, p. 17).<sup>3</sup> Obviamente, há muito de pessoal na avaliação de algo como “bonito” ou não “de se ver”, mas aqui podemos tomar a expressão como uma referência à harmonia da cenografia. De qualquer forma, tudo o que possibilitar “ouvir melhor” um texto é fundamental.

A cenografia pode ser entendida, em um sentido mais estrito, como os elementos construídos ou escolhidos diretamente para a cena. Em um sentido mais amplo, a cenografia é a mola propulsora da transformação do espaço real em espaço fictício. Ela não

---

<sup>2</sup> “(...) the scenographer visually liberates the text and the story behind it, by creating a world in which the eyes see what the ears do not hear” (tradução minha).

<sup>3</sup> . “(...) use scenography to enhance and reveal the text and the story behind it. If the disposition or layout of the stage space is eloquent and beautiful to look at, the audience can hear the play better”. (idem)

é apenas um “pano de fundo”, mas parte constitutiva do espetáculo; ao mesmo tempo, ela só ganha sentido com ele.

A criação da cenografia no espaço vazio de um palco é um processo de transformação; elementos são propostos e retirados de acordo com as alterações sugeridas pela movimentação dos atores em cena. Essa movimentação também altera o espaço e lhe dá significado; o uso define o lugar.

As transformações do espaço surgem não somente no processo de criação de uma cenografia, mas também ocorrem durante a apresentação, à vista do público, quando os atores constroem uma função para determinado espaço, para, no momento seguinte, dar um novo significado àquele elemento.

É a utilização do espaço pelos atores que faz com que a platéia acredite no mundo criado pelos personagens, pelas palavras e pelo espaço cênico e embarque criativamente na história, participando na criação de imagens que vão além daquelas que são visualmente mostradas.

A imaginação do público não trabalha sozinha. A ação faz com que o tempo/espaço assistido pelo público – tanto o concreto, físico, quanto o imaginado – torne-se dramático, ligando o mundo físico ao mundo imaginário da criação. Uma cenografia se completa, portanto, com a ação no tempo da peça.

Na cenografia, portanto, mais do que o que é visto, há o mundo imaginário, que se materializa também por meio da forma com que os atores posicionam-se perante a cena e exercem suas ações. Os atores devem tomar para si o espaço cênico definitivo, estático, unir espaço e dramaturgia e utilizar esse mundo em todas as suas possibilidades. Códigos são criados entre atores e espectadores com ações e falas em cena. A cumplicidade estabelece-se com a audição do texto e com a coerência das ações. Para o espaço ser expressável, os atores têm que dominá-lo, ocupando-o de forma que ele se torne capaz de manifestar a idéia da encenação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOWARD, Pamela. *What is scenography?* London and New York: Routledge, 2005.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. Trad. Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. Maria Lucia Pereira e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2005.

REDONDO Jr. *Panorama do Teatro Moderno*. Lisboa: Arcadia, 1961.